

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: O CORPO COMO MEDIADOR PRINCIPAL DAS POTENCIALIDADES

*Relational Psychomotor Skills:
The Body as the Primary Mediator of Potentialities*

Rosângela Santos¹
Vera Lúcia Silva Santos¹
Jeane Rodella Assunção³

Resumo

A psicomotricidade relacional pode ser entendida como uma prática educativa e terapêutica que permite a crianças, adolescentes, adultos e idosos, expressar por meio do corpo seus conflitos motores e relacionais através do brincar e do jogo simbólico. O presente artigo tem como indagação: Como a psicomotricidade relacional utiliza o corpo para mediar potencialidades? E para responder a tal questionamento buscou investigar como a psicomotricidade relacional utiliza o corpo para favorecer potencialidades. Assim, nessa construção definiu-se fazer um breve relato histórico da psicomotricidade relacional, investigar o que se entende por prazer sensorial motor como fator de mudança, apresentar como métodos não-diretivos podem estimular capacidades de representação, imaginação e criatividade, demonstrar as diferenças entre a psicomotricidade relacional e a psicomotricidade funcional e apresentar as aplicações da psicomotricidade relacional bem como a formação do psicomotricista nessa modalidade. A metodologia aplicada foi baseada na revisão narrativa de literatura, pois não se submete a critérios sistemáticos. Na verificação de dados, foram abordadas pesquisas através de livros, revistas, artigos científicos, através do Bireme, Scielo e BVS, entre os anos de 2010 e 2021. A dimensão motora é tão importante como a dimensão psíquica, levando a crer que ambas são um conjunto inseparáveis, onde envolve o movimento humano em sua totalidade.

Palavras-chave: Corpo. Jogo Simbólico. Potencialidades. Psicomotricidade Relacional.

Abstract

Relational psychomotricity can be understood as an educational and therapeutic practice that allows children, adolescents, adults, and the elderly to express their motor and relational conflicts through the body, through play and symbolic games. The present paper has as a question: How does relational psychomotricity use the body to mediate potentialities? To answer this question, we tried to investigate how relational psychomotricity uses the body to promote potentialities. Thus, in this construction we defined a brief historical account of relational psychomotricity, investigate what is understood as sensory motor pleasure as a factor for change, present how non-directive methods can stimulate representational skills, imagination and creativity, demonstrate the differences between relational psychomotricity and functional psychomotricity, and present the applications of relational psychomotricity as well as the training of psychomotricians in this modality. The methodology applied was based on a narrative literature review, as it does not submit to systematic criteria. In the data verification, research was carried out through books, magazines, scientific articles, through Bireme, Scielo and BVS, between the years 2010 and 2021. The motor dimension is as important as the psychic dimension, leading to the belief that both are an inseparable set, where it involves human movement in its entirety.

Keywords: Body. Symbolic Game. Potentialities. Relational Psychomotricity.

¹Discente do Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge

²Docente do Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge

Autora correspondente:

Jeane Rodella Assunção

Docente do Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge, Salvador, Bahia, Brasil

Contato: jeaneassuncao@gmail.com

Introdução

A forma como a pessoa comunica e interage com outros seres a sua volta reflete a magia intrínseca ao universo da psicomotricidade. Não se trata apenas do corpo que se move, mas de um corpo que pensa, sente, brinca, chora se relaciona numa dialética constante da expressão por meio dos movimentos. Fonseca (2008), descreve que a psicomotricidade pode ser lida como uma abordagem transdisciplinar que pesquisa as relações e como estas influenciam o sistema: psiquismo e motricidade.

A psicomotricidade mostra que o psiquismo e a motricidade são muito importantes para o desenvolvimento e formação do humano. A motricidade é do corpo, assim como o psiquismo (subjetivo) e a cognição (intelecto e outras funções) é do cérebro (Fonseca, 2014). Pensando assim, no modo mais amplo, e aplicando as vivências grupais entende-se que as relações sociais são de extrema relevância para uma aprendizagem significativa de crianças, jovens, adultos e idosos.

Desta forma, falar da Psicomotricidade Relacional, tendo o corpo como mediador principal das potencialidades, pode implicar na compreensão do indivíduo por inteiro, em suas diversas fases, na sua total potência. Nos últimos 50 anos a psicomotricidade relacional vem trazendo soluções para muitas questões de comportamento motor e cognitivo (Selau, 2010).

Mas o que é a psicomotricidade relacional? Trata-se uma prática pedagógica, dedicada à movimentação corporal espontânea ao brincar, que se utiliza das dimensões do imaginário, do simbólico, do emocional e do afeto. Nessa visão as crianças, os jovens, adultos e idosos e o psicomotricista relacional têm a possibilidade de vivenciar várias formas de interação com o outro a partir do jogo simbólico (Bersch, Yunes, Molon, 2020).

Por sua vez, o jogo simbólico deve ser algo natural, principalmente àqueles que permitem maior interação e movimentação do corpo, onde favorece melhor experiência motriz, melhorando o crescimento no repertório motor dos praticantes (Oliveira, 2016).

Segundo Moraes (2017), André Lapierre, criador da Psicomotricidade Relacional, define que este é um método que enfatiza o importante vínculo existente em cada indivíduo, entre a motricidade, a psique, a afetividade, a emoção e o cognitivo, com o objetivo de afastar as possibilidades de se fazer uma abordagem psicopedagógica e terapêutica limitada, deficiente e ineficaz.

Já Armas (2013), ressalta que a psicomotricidade relacional cogita a relação do corpo durante o jogo espontâneo favorecendo a comunicação verbal e a relação tônica, ressaltando a importância da relação e do simbolismo, em um processo em que as expressões são decodificadas para guiar os aspectos motriz, psíquicos e emocionais que irão corroborar na construção da personalidade do indivíduo.

Sendo assim entende-se a psicomotricidade relacional como a fase que engloba o ser humano em suas relações entre o seu “eu” e com o outro, o simbólico a linguagem verbal e não verbal desde o nascimento até sua fase final de vida (Aucouturier, 2007). É nesse enquadre que nasce a arguição desse trabalho: como

Apoena Revista Eletrônica, Salvador-Ba, v. 9,
p. 23-31, dezembro, 2025.

a psicomotricidade relacional utiliza o corpo para favorecer potencialidades? Para alcançar respostas a essa pergunta será preciso compreender como a psicomotricidade relacional pode fazer uso do corpo para desenvolver competências.

Numa perspectiva ainda mais descritiva do objetivo geral, é necessário pormenorizar. Deste modo buscou-se especificamente: fazer um breve relato histórico da psicomotricidade relacional, investigar o que se entende por prazer sensorio motor como fator de mudança; apresentar como métodos não diretivos são capazes de estimular capacidades de representação, imaginação e criatividade; demonstrar se há diferenças entre a psicomotricidade relacional e a psicomotricidade funcional; e apresentar as aplicações da psicomotricidade relacional bem como a formação do psicomotricista nessa modalidade.

A relevância desta pesquisa se dá pela identificação de escassa produção de registros científicos diversos que refiram ao enquadre da aplicação da ciência psicomotora na abordagem relacional. Foi observado ainda uma espécie de limitação de acordo com especificidade teórica da formação do psicomotricista relacional, que sugere a psicanálise como base principal.

A proposta desse trabalho está delineada de modo a garantir a exploração da temática. Sendo assim trata-se de uma revisão narrativa de literatura, pois não se submete a critérios sistemáticos e nem se obriga a esgotar as fontes de informação. Por seu objetivo prático de aproximação da temática, tratou-se de pesquisa exploratória, baseada em estudo bibliográfico dos materiais existentes os quais referem a artigos, livros e páginas na web compreendidos entre os anos de 2010 a 2021.

Na verificação de dados, foram abordadas pesquisas através de livros, revistas, artigos científicos através do Bireme, SciELO e BVS. Foram utilizados descritores como: psicomotricidade relacional, desenvolvimento infantil, psicomotricidade funcional, corpo sensorio-motor e psicomotricidade. Diante das pesquisas e leituras dos materiais foram utilizados artigos, livros e sites, dentro dos anos 2010 a 2021 os quais foram critérios de inclusão e exclusão.

Fundamentação Teórica

1. Breve histórico da ciência psicomotora em seu aspecto relacional

No começo do século XX, o neuropsiquiatra Dupré estudando a síndrome da debilidade mental em crianças deu início aos estudos do que hoje conhecemos como psicomotricidade. Este formulou uma linha filosófica neurológica revelando o que se descreve como paralelismo psicomotor, a qual aponta sensível conexão entre psicomotricidade, inteligência e afetividade (Falcão e Barreto, 2009).

Em 1925, os estudos de Wallon, descrito como provável pioneiro da psicomotricidade enquanto ciência, beneficiam significativamente a prática psicomotora. O autor destacou os aspectos psicofisiológicos da vida afetiva, a gestualidade (consciência corporal, o diálogo tônico) e o contexto em que ela se apresenta, nesse aspecto ressalta a personalidade e a sensibilidade do sujeito (Selau, 2010; Falcão e Barreto, 2009).

Edouard Guilmain (1901-1983) em 1935 abre para a prática psicomotora de reeducação com exercícios, que pretendem, como o próprio nome descreve, reeducar a atividade tônica, a atividade de relação e controle motor. Em 1942, psicólogos fundadores da teoria da Gestalt, na Alemanha, iniciaram os estudos sobre os mecanismos que envolvem a percepção. (Falcão e Barreto, 2009; Fernandes e Barros, 2015).

Os estudos de Piaget também compõem a psicomotricidade. Fazendo experimentos, inclusive em seu contexto familiar, ressalta que no desenvolvimento da inteligência, a estimulação no período sensorio-motor e da motricidade deve acontecer antes da linguagem. Trata-se de uma adaptação ao contexto e ao

ambiente, e isto se dá pela via da equilibrção contínua que se dá pelo desequilíbrio da descoberta, atualização e reorganização da informação, o desenvolvimento mental (Falcão e Barreto, 2009).

Às contribuições da ciência psicomotora, na prática da educação, Le Boulch na década de 1960 propõe a educação psicocinética que pretende o movimento como meio de educar a criança de modo global.

Com base também nos estudos de Wallon, Le Boulch aponta para a interação como base de sustentação para o desenvolvimento psicomotor e a falta desta repercute em atrasos. É no jogo simbólico (no brincar) que a criança tem a oportunidade de se diferenciar e expor seu mundo simbólico ao mesmo tempo que aprende sobre si e sobre o outro (Selau, 2010; Silva, Andrieu e Nóbrega, 2018).

Em referência aos estudos de Wallon e Piaget, Ajuriaguerra (1983) também discorda da prática psicomotora exclusivamente funcionalista. Esse autor leva em consideração a união dos aspectos motor e psíquico. Ainda sob influência dos estudos Wallonianos, Lapierre e Aucouturier, repetem e inovam na ciência psicomotora. Na passagem da prática funcional para a perspectiva relacional, esses autores valorizam o que a criança apresenta no aqui-agora, o que ela tem e não com o que ela não sabe realizar (Selau, 2010).

No percorrer da prática psicomotora há ainda muitos autores a serem mencionados. Vitor da Fonseca é um dos ícones do desenvolvimento da ciência psicomotora na atualidade. Tal qual outros estudiosos já citados, também foi instigado pelos estudos e perspectivas de Wallon e Piaget. De certo os autores apresentados, bem como a história da psicomotricidade ressaltam a evolução de uma prática antes biomecanicista para um olhar mais interacionista e afetivo que pretende o desenvolvimento do corpo nos aspectos motores, afetivos e cognitivos que representam a psicomotricidade.

2. Psicomotricidade relacional e o prazer sensório-motor

Por décadas o corpo e o psiquismo foram discutidos e pautados separadamente, existia, contudo, a maior relevância era dada ao corpo físico o corpo funcional. Henry Wallon trouxe novos olhares para o corpo, buscando a integração de outros aspectos que não só o físico. A motricidade e o psiquismo não devem ser desassociados, por fazerem parte do desenvolvimento psicomotor do ser humano. Envolve associação sensorial e motora e o melhor funcionamento (integração) de toda uma cadeia neural (Neves e Suassuna, 2017).

Fonseca (2010), afirma em seus estudos que a psicomotricidade sempre esteve enquadrada no campo multidisciplinar, dentro das relações e influências recíprocas e sistêmicas entre o psiquismo e a motricidade. Não há como pensar em um corpo sem pensar no que o move, o psiquismo. A dimensão motora é tão importante como a dimensão psíquica, levando a crer que ambas são inseparáveis. Ao imaginar as expressões e a intenção de cada movimento (ideomotricidade), é possível perceber as reações e as emoções demonstradas em cada ação pensada e executado pelo ser humano.

Nessa perspectiva percebe-se que:

A intervenção psicomotora implica uma observação, ou seja, a existência de um espaço de escuta do corpo, em que as manifestações conscientes ou inconscientes dos desejos, vontades e necessidades da criança se expressam corporalmente através do tônus, dos gestos, dos movimentos e das diferentes formas de brincar (Lima, Fernandes, Araújo, 2015, p.2).

As vivências de contato, as experiências cutâneas estabelecidas ainda na vida intrauterina e ainda mais desenvolvidas pós gestação, na relação cuidador-bebê, por meio dos contatos corporais, comunicações

possíveis na pré-verbalização compõem o sensorio-motor. É através das sensações que esse corpo se expressa. As expressões corporais e não corporais, são identificadas na escuta e na demonstração desse corpo. O ato de ir e vir, o modo como a criança brinca, joga, se diverte, suas relações e comportamentos, são percebidas dentro desse olhar psíquico e motriz (Fernandes, Gutierrez e Fonseca, 2018).

A corporalidade através do movimento permite que a criança explore o mundo a sua volta e o conheça, ou seja, para que não se crie um bloqueio nesse indivíduo é de extrema importância desenvolver as noções das crianças sobre o próprio corpo, bem como o seu esquema corporal, sendo esses fatores importantes para o desenvolvimento da mesma (Santos, Cavalari, 2010).

O mesmo pode ser dito em outras fases do ciclo da vida. Na retrogênese o corpo permanece em relação, é um corpo que sente e experimenta seu dia a dia das mais diversas formas. Consequentemente é um corpo que não só fala, como exala relações e segue deste modo até o fim do seu ciclo, é um corpo em constante contato interno e externo (Velasco, 2006; Fonseca, 2018).

A totalidade corpo-motricidade-cérebro-cognição que se traduz na base da existência cósmica e planetária trata-se de uma resposta a evolução natural, seu processo. O qual foi descrito por Darwin como sendo de ampla complexidade e rasamente estudado (Fonseca, 2018).

Um dos estudiosos contemporâneos da ciência psicomotora, Vitor da Fonseca (2018), defende que o ser humano não pode ser entendido apenas como um corpo físico, esse corpo está integrado em uma totalidade, sendo essa que dá sentido as nossas ações e emoções diariamente. Para o autor uma intervenção psicomotora, deve levar em consideração essas manifestações, em qualquer fase do ciclo vital. Aqui o psicomotricista deve levar em consideração todos os eixos do ser humano.

3. O jogo simbólico (método não-diretivo) e a psicomotricidade relacional

O brincar simbólico ou jogo simbólico conduz o participante, independente da sua idade ou condição cognitiva, a uma versão da realidade. Um modo lúdico de experimentação que pretende a união do psiquismo e da atividade motora (Ribeiro, Castro e Lustosa, 2018). É nesse contexto com base em regras não-diretivas que está presente o fazer da Psicomotricidade Relacional.

Fernandes, Gutierrez e Rezende (2018), concordam que não há como separar psiquismo e aspecto motor. Discursam como Husserl e Merleau-Ponty no que tange a intencionalidade (Scarpa, 2019). Intencionalidade refere a transformação do pensamento (simbólico) em uma ação concreta ou movimento. Os primeiros autores irão referir a ideomotricidade, o pensar transformado em movimento. Que é uma composição da relação, na verdade, o resultado. A ludicidade ou o jogo simbólico permite essa condição.

Nesse aspecto, no desenvolvimento da prática psicomotora relacional é possível se utilizar de jogos como os conhecemos no senso comum. Alves e Bianchin (2010), referem que é partir de brincadeiras como estas que o participante transcende a seu nível de maturação. Desenvolve a tomada de decisões, aprende a interagir, lida com suas emoções e pensamentos, quebra barreiras relacionais consigo mesma e com os outros. O que se trabalha brincando são as relações do eu, psicoafetivas bem como os aspectos motores. O legado do jogar (brincar) favorece a toda e qualquer faixa etária.

Para Alves (2010), a criança utiliza o brincar para manifestar seus sentimentos atribuídos ao prazer e a criatividade ao participar dos jogos. Novas amizades são construídas a partir da participação nesses jogos, onde são determinantes na formação de tomada de decisão dos jogadores.

Assim, à medida que a criança cresce e se desenvolve, surgem novos interesses, novas situações de troca, novos aprendizados e conseqüentemente os jogos vão se modificando, proporcionando uma estreita relação entre os processos de maturação, crescimento e desenvolvimento (afetivo, cognitivo e social) bem como o aparecimento de novos interesses e objetivos. Para que este desenvolvimento ocorra tem que haver uma organização desses jogos por meio da estrutura da própria inteligência da criança (Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – Nº 1 – 2013, p.6).

Através dos jogos as crianças, os adolescentes, adultos e idosos, passam a interagir, desenvolver suas capacidades físicas e psíquicas, resolvendo conflitos, melhorando suas aptidões e estratégias do seu cotidiano. As conquistas angariadas por meio de atividades como jogos produzem benefícios que perduram. Dentre eles as memórias afetivas e motoras que ficam presentes durante a vida do indivíduo.

4. As diferenças entre a psicomotricidade relacional e psicomotricidade funcional

Sabe-se que no tratar da ciência psicomotora, em sua aplicação é possível encontrar ao menos dois enquadres a Psicomotricidade Funcional e a Psicomotricidade Relacional. De forma breve será feita uma descrição de ambas quanto a sua prática e objetivos, não que os últimos se diferenciem, contudo o fazer esse sim tem suas diferenças.

A começar pela Psicomotricidade Funcional a qual tem fundamento biomédico e, de certo, remete ao início das práticas psicomotoras já que associava o bom desempenho motor ao bom desenvolvimento infantil, a ideia aqui refere-se a trabalhar o corpo mecânico, as bases da neuroanatomia funcional. Ou seja, o desenvolvimento humano depende dos processos maturacionais (Selau, 2010; Santos, 2015).

Essa modalidade psicomotora parte do pressuposto de que a repetição de atividades previamente estruturadas conduzirá ao aprimoramento de fatores psicomotores, os quais: esquema corporal, equilíbrio, lateralidade, tonicidade, dentre outros, de modo mais direto, a educação pelo movimento (Santos, 2015). Negrine (2002), refere a um princípio básico que se assenta no levantamento do perfil psicomotriz e na indicação de atividades que almejam a correção de uma possível “falha” motriz no desenvolvimento.

Numa sessão de psicomotricidade funcional, em seu modelo base, há uma definição prévia das atividades, aqui a criança não tem escolha e nem o grupo envolvido. Trata-se do método diretivo, que Negrine (2002) e Santos (2015) apontam ter o propósito de correção. A atividade proposta objetiva um gesto motor específico, caso o mesmo não ocorra é definido como erro. Ambos os autores criticam e apontam que dependendo da faixa etária em que a atividade é proposta, num grupo infantil por exemplo, aquele que não desempenhou como esperado pode ser alvo de críticas pelos colegas, criando assim inibições e resistência. Ressaltam ainda que esse modelo ainda é desenvolvido por alguns professores de Educação Física.

No que tange a Psicomotricidade Relacional, como o próprio nome diz, a premissa é a da relação. Vieira, Bellaguarda e Lapierre (2018) discorrem que nesta modalidade supera-se o dualismo cartesiano de corpo/mente e tem como finalidade a comunicação corporal levando em “consideração as relações psicofísicas e emocionais do sujeito.” Para Negrine (2002, p. 64) essa prática psicomotora favorece a experimentação corporal múltipla e variada; estimula a vivência simbólica e tem a comunicação como elemento de intervenção pedagógica, de socialização e de exteriorização da criança.

Para Furini (2010) a experimentação corporal múltipla e variada tem a ver com as experiências diversas do sujeito (independente da sua faixa etária). Essas podem ser adquiridas pela exploração do espaço e do que nele estiver disposto. O papel do psicomotricista relacional é o de facilitar, permitir, auxiliar, participar,

ajudar e estimular. São as habilidades psicomotoras que estão se desenvolvendo e se reafirmando a partir dos modelos apresentados.

Sobre a vivência simbólica os estudiosos concordam que o simbolismo surge antes mesmo da fala. E exemplificam ao citar o fato de crianças menores de 2 anos simbolizarem estarem falando ao telefone quando levam um objeto ao ouvido e começam a balbuciar sons incoerentes, numa simulação de uma vivência. Já a comunicação, essa assume diversas possibilidades que não só a fala. Construção, desenhos, seguindo modelos, se disfarçando... a todo momento é utilizado o corpo como forma de expressão por meio dos gestos. Mas para a expressão desse enquadre é preciso uma certa provocação, e esse é o papel do psicomotricista relacional (Negrine, 2002; Furini, 2010). Não só em crianças, mas em outras fases do ciclo vital o simbólico compõe a subjetividade e a expressão do movimento, a intencionalidade (Scarpa, 2019).

5. As aplicações da psicomotricidade relacional e a formação do Psicomotricista Relacional

Por sua característica multidisciplinar a Psicomotricidade Relacional pode ser aplicada tanto nos aspectos terapêuticos como na educação. Alves (2011) descreve que “a psicomotricidade é toda ação realizada pelo indivíduo consigo mesmo e com o outro” (p.12). Por meio dessa prática podem ser realizados diversos trabalhos de educação, desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento de linguagem e de atrasos específicos. Por meio dessa prática psicomotora que relaciona o psiquismo, o afeto, o ato motor e as relações a pessoa inserida pode se manifestar e buscar o conhecimento consciente.

Contudo, apesar da Psicomotricidade Relacional poder ser aplicada por uma diversidade de profissionais (fonoaudiólogos, educadores físicos, fisioterapeutas, psicólogos, pedagogos) nem todos atendem ao que Selau (2010) reporta, ao confirmar Airton Negrine, sobre a necessidade de três pilares para a formação de um psicomotricista desta modalidade. São esses: a formação teórica, a formação pedagógica (as vivências) e a pessoal (que refere ao autoconhecimento, dinâmicas que influenciarão diretamente na atuação corporal das pessoas envolvidas no processo independentemente da faixa etária). Tal prerrogativa dará a condição de estruturar uma sessão nessa modalidade, a qual é composta de três partes: ritual de entrada; atividades livres de expressão, construção e comunicação; e ritual de saída.

Considerações Finais

Aprofundar a perspectiva teórica da Psicomotricidade Relacional compõem um dos pilares da formação nessa modalidade. Nesse sentido o presente trabalho se tornou um desafio no que tange a sua elaboração. Esse desafio teve por base a busca por material literário que apresentasse a prerrogativa aqui proposta Psicomotricidade Relacional: o corpo como mediador principal de suas potencialidades. Uma vez que muito se foi percebido a existência de literatura que sinaliza a utilização do corpo, mas não a relaciona diretamente com a Psicomotricidade Relacional. Ao mesmo tempo descreve-se que há materiais que

informam a prática da psicomotricidade relacional, mas não apresenta narrativa coerente com a literatura, os textos não reportam as bases teóricas principais desta prática psicomotora. Por isso, tais conteúdos foram abandonados.

É preciso pontuar ainda que, no que tange a formação do Psicomotricista Relacional, está presente signos que referem a escola psicanalítica no que remete a representação psíquica do tripé psicomotor. Destes é possível perceber especificidades de Freud e Winnicott, essas contribuições começam em 1977 quando são

integrados conceitos como: inconsciente, transferência, imagem corporal, sublimação, corpo desejanste, entre outros (Falcão e Barreto, 2009; Moraes e Braga, 2020). E ainda permanecem presentes em algumas instituições formadoras até o presente momento, basta para isso observar a grade curricular destes cursos.

Percebe-se uma necessidade de escritos mais profundos sobre a prática da Psicomotricidade Relacional numa perspectiva mais científica, de modo a validar outras perspectivas teóricas de base como a Fenomenologia e descrevendo ainda mais tais ocorrências na aplicação dos mais diversos públicos.

Referências

ALVES, L.; BIANCHIN, M. O jogo como recurso de aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 27, n. 83, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000200013&script=sci_arttext. Acesso em: 21 out. 2021.

ARMAS, Raquel Requera. Estudio y análisis de la expresividad psicomotriz en niños con síndrome de Asperger: una forma de reflexionar para ajustar nuestra respuesta. **Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales**, Argentina, v. 38, p. 38-59, 2013. Disponível em: <http://psicomotricidadum.com/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

AUCOUTURIER, B. O método Aucouturier: fantasmas de ação e prática psicomotora. **São Paulo: Ideias e Letras**, 2007.

BERSCH, Ângela Adriane; YUNES, Maria Angela; MOLON, Susana Inês. **Psicomotricidade relacional sob a ótica de conceitos teóricos de Vygotsky e Bronfenbrenner**. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/10518>. Acesso em: 3 ago. 2021.

BORGES, M. F.; RUBIO, J. A. S. A educação psicomotora como instrumento no processo de aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2013.

FALCÃO, Hilda Torres; BARRETO, Maria Auxiliadora Motta. Breve histórico da psicomotricidade. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 2, 2009.

FERNANDES, Jorge Manuel Gomes de Azevedo; GUTIERRES, Paulo José Barbosa; REZENDE, Alexandre Luiz Gonçalves de. Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: contribuições para a intervenção. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 3, p. 702-709, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1232>. Acesso em: 24 out. 2021.

FONSECA, V. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 42-52, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 16 set. 2021.

FONSECA, Vitor. Dificuldades de coordenação psicomotora na criança: a organização práxica e a dispraxia infantil. **Rio de Janeiro: Wak Editora**, 2014.

FONSECA, Vitor da. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos. **Porto Alegre: Artmed**, 2008.

FONSECA, Vitor da. Neuropsicomotricidade: ensaio sobre as relações entre corpo, motricidade, cérebro e mente. **Rio de Janeiro: Wak Editora**, 2018.

FURINI, Anselmo Barce. Metodologia da psicomotricidade relacional. **Relacional e Inclusão na Escola**, p. 27, 2010.

LIMA, G.; FERNANDES, J.; ARAÚJO, L. Psicomotricidade e psicanálise: a linguagem faz corpo. In: FERNANDES, J.; GUTIERRES FILHO, P. (org.). Atualidades da prática psicomotora. **Rio de Janeiro: Wak**, 2015. p. 105-121.

MORAES, Rosalina Rocha Araújo; BRAGA DE OLIVEIRA, Regina Dacia. **Da agressividade à violência: reflexões sobre o jogo espontâneo em psicomotricidade relacional para o ajuste de comportamentos agressivos na criança**. 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2019/ebook2/PROPOSTA_EV127_MD4_ID5280_16072019205650.pdf. Acesso em: 16 jul. 2019.

NEGRINE, Airton. O corpo na educação infantil. **Caxias do Sul: EDUCS**, 2002.

NEVES, Raísa de Vidal; SUASSUNA, Lorena Carneiro de A. **Treinamento sensório-motor: equilíbrio funcional em idosos praticantes do método Pilates – uma revisão de literatura**. 2017. Disponível em: <https://interfisio.com.br/treinamento-sensorio-motor-equilibrio-funcional-em-idosos-praticantes-do-metodo-pilates-uma-revisao-de-literatura/>. Acesso em: 27 out. 2021.

OLIVEIRA, Rodrigo Cabral de et al. Analisando o jogo a partir da conceituação de professores de educação física. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 323-343, dez. 2016.

RIBEIRO, Disneylândia Maria; CASTRO, Janaina Luiza Moreira de; LUSTOSA, Francisca Geny. **Brincadeira e desenvolvimento infantil nas teorias psicogenéticas de Wallon, Piaget e Vigotski**. 2018. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46942/1/2018_eve_dmribeiro.pdf. Acesso em: 2 nov. 2021.

RODRIGUEZ, Marc. O lugar do corpo na terapia psicomotora. **The Journal of Psychologists**, n. 5, p. 22-25, 2012. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-journal-des-psychologues-2012-5-page-22.htm>. Acesso em: 24 out. 2021.

SANTOS, Andreia Catarina Amaral. **Método dirigido e método espontâneo na educação pré-escolar**. 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/62705932.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

SANTOS, E. L. S.; CAVALARI, N. Psicomotricidade e educação infantil. **Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP**, Pitanga, v. 1, n. 3, p. 149-163, 2010.

SCARPA, Mariana Cabral Tomzhinsky. Intencionalidade: Merleau-Ponty e Barbaras. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 148-155, ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000200006. Acesso em: 2 nov. 2021.

SELAU, Bento. Estudos em psicomotricidade: em direção à psicomotricidade relacional. **Relacional e Inclusão na Escola**, p. 15, 2010.

SILVA, Christyan Giulliano de Lara Souza; ANDRIEU, Bernard; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. A Psicocinética de Jean Le Boulch e o conhecimento do corpo na Educação Física. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 1041-1054, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/88582>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDONA, Fernanda Peixoto. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). Métodos de pesquisa. **Plageder**, 2009.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. Aprendendo a envelhecer. **Bela Vista: Phorte**, 2006.

VERÍSSIMO, Danilo Saretta. Modos de ausência e de presença do corpo a partir do telos sensório-motor corpóreo. **Psicologia USP**, v. 28, n. 3, p. 378-388, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160170>. Acesso em: 24 out. 2021.

VIEIRA, José Leopoldo; BELLAGUARDA, Maria Isabel; LAPIERRE, Anne. **Psicomotricidade relacional: a teoria de uma prática**. 2018. Disponível em: <https://www.linkedin.com>. Acesso em: 7 nov. 2021.